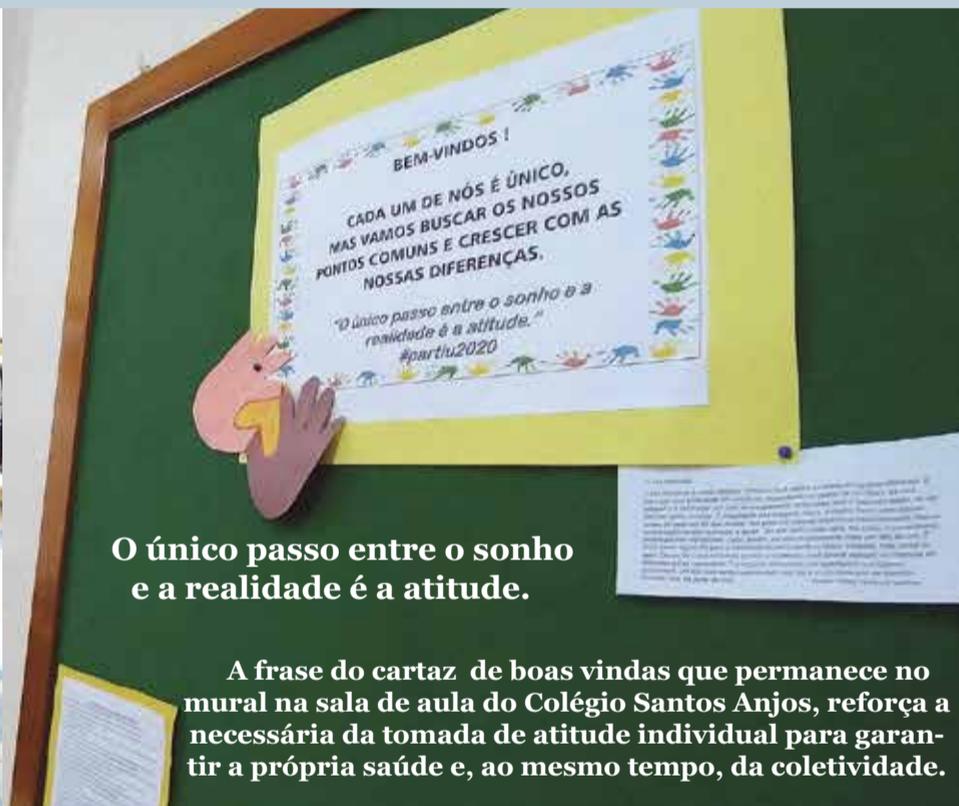


Em tempos de pandemia

Escola e família nunca estiveram tão próximas quanto neste ano letivo de 2020



Solange Seger (Educação Infantil) e Jeferson Corrêa (Secom) gravam as aulas transmitidas diariamente pela Rádio Joinville Cultural (FM 105,1) para os alunos da Rede Municipal.

Já é consenso no meio educacional que a maior participação dos pais na vida escolar dos filhos e a valorização do espaço escolar e dos professores serão os maiores legados do ensino remoto.

O reconhecimento e valorização do professor já são realidade. E depois de darem lição ao se reinventarem em tempo recorde, os professores no pós pandemia poderão incorporar os recursos tecnológicos aprendidos neste período às aulas presenciais.

Leia mais nas páginas internas

Humanidade vive sob o domínio do medo

O medo nos acompanha desde os primeiros dias de vida intrauterina via cordão umbilical. O temor de que aquele ser nasça feio ou com algum tipo de limitação física ou intelectual, certamente acompanha nossa mãe, especialmente para aquela mulher para quem a responsabilidade é pesada demais.

Meses depois da separação de corpos, nossos pais nos ensinam o medo ao imaginário bicho papão. Sempre escondido em algum canto escuro, aquele ser com superpoderes e materializado no formato exato de nossa imaginação, nos acompanhará até a última respiração.

O medo da morte (e não somente de morrer) vai se instalando por meio de diferentes emoções. O desconhecido tem o poder de nos "tirar da vida", ou pelo menos torná-la mais desafiadora do que seria se ele não chegasse em nossa vida.

A inocente estratégia de poder e dominação de nossos pais e ascendentes entra em nossas vidas como a flecha certa de um cupido no coração dos jovens em idade de acasalamento. Assim, o medo da morte é incutido em nossas mentes em formato de crença limitante e, em alguns casos, até paralisante. Crença que vai agregando mais e mais limitações a nossa existência terrena.

Independente do objetivo de nossos pais, seja nos fazer comer ou "sossegar o fuixo", o bicho papão nos faz tremer. E, toda vez

que ele entrar em nossa rotina, fará nascer e florescer o medo. Com ele, nascem também as crenças limitantes. O medo de morrer, de não ser amado, de perder nosso amor ou de ter de lidar com a dor de ter transmitido o vírus para quem amamos; é que tem mantido os seres humanos, de todo o mundo, em casa.

Desde que foi decretada a pandemia, em 11 de março de 2020, vivemos meses de restrição à liberdade de ir e vir, de medo de ser o portador ou o receptor do vírus mortal. Nos mantemos afastados das ruas, das escolas, das festas de família, dos bailes, dos jogos coletivos...

Enfim, temos medo de ter que conviver com a dor e o sofrimento de ter provocado a morte de alguém, já que ninguém sabe como o corpo reagirá ao vírus. A falta de tratamento e de vacina para prevenção, tornam esse 'bicho papão' ainda mais poderoso e, para muitos, já se transforma em síndrome de pânico, pavor e paralisia.

Ao longo de nossa existência, experimentamos diferentes crenças limitantes: religiosas, políticas, educacionais e sociais. O medo de não 'ser amável' gera sentimentos como a inadequação, não pertencimento, impotência, não merecimento, entre outras.

O amor é o oposto do medo. Somente o amor profundo pela própria essência e vida (somos a trindade: pai - o outro, a

mãe - criadora e o espírito) preencherá a lacuna interior. É preciso viver o presente, o único tempo que existe. O passado são só memórias e o futuro são expectativas. Respirar, expirar e agradecer são atos que nos mantêm vivos e no presente.

O desafio de viver o presente inclui dominar o medo dos próprios pensamentos. Trazer para o consciente o medo de morrer e transformar a possibilidade de ficar na solidão de um leito hospitalar sem direito à visitas, num aliado para permanecer neste plano terreno. Afinal, se somos parte do problema, somos também parte da solução.

O 'bicho papão' da atualidade nos leva a ficar imersos em nossas crenças limitantes e perdermos a capacidade de raciocinar. Munidos de todo o aparato apontado como prevenção, especialmente a alimentação capaz de aumentar e manter nossa imunidade ativa, atividades físicas regulares e diárias (20 minutos), o distanciamento social (1,5 metros), a higienização constante das mãos e o uso de máscaras, precisamos respirar. Respirar é viver.

Nascemos sozinhos, vivemos sozinhos e morreremos sozinhos. As despedidas de um funeral são para os que ficam, não para quem parte. Para alguns, é estranho ter medo de morrer, uma das poucas certezas da vida. A outra certeza, a de que tudo muda, nos leva a adiar ao máximo a morte.

O medo da morte resulta da subordina-

ção à crença de que há algum lugar para se ir com este corpo, após a energia vital abandonar o corpo físico no plano terreno. Mas este corpo não será necessário no outro plano. Portanto, é tudo uma questão de "deixar ir" ou desaparecer.

Entretanto, apesar da racionalidade e da ciência dominarem o pensamento mundial, desde 11 de março de 2020, a humanidade vive sob o domínio do medo do ainda desconhecido Corona vírus. Até o momento, não há sequer um tratamento considerado eficaz.

Apesar das disparidades econômicas e sociais terem ficado ainda mais à mostra, das centenas de milhares de divórcios, de separação de corpos entre pais e filhos, do aumento da violência doméstica, do aumento da evasão escolar, do fechamento de milhões de postos de empregados, do aumento das doenças psicológicas e até mesmo do abandono de tratamento de outras doenças tão letais quanto o COVID-19 e de ninguém aguentar mais viver dentro de quatro paredes, continuamos sob o cobertor do medo.

Vivemos sob o domínio do medo e não há outro caminho. Somos o único ser com quem teremos de conviver pelo resto de nossos dias. Portanto, também temos medo de ter que conviver com a dor ou a 'culpa da incerteza' de levar a morte para dentro de nossa casa. E assim a vida segue...

Plataforma reúne orientações para redes planejarem retomada

Iniciativa online traz respostas para questões fundamentais relativas ao ensino após a reabertura das salas de aula



Fundação Lemann cria plataforma com orientações para redes de ensino planejarem retomada das aulas presenciais

O debate sobre o retorno das aulas presenciais e a definição dos protocolos de saúde seguem avançando, mas muitos pontos ainda trazem dúvidas aos atores do cenário educacional brasileiro.

Como proteger alunos, professores e funcionários nas escolas? O que devemos priorizar com o ano letivo mais curto? E como verificar o nível de aprendizagem dos estudantes?

Sabendo que a rapidez e praticidade para encontrar respostas para essas questões é essencial no processo de planejamento das redes educacionais públicas, o Consed e a Undime se uniram para desenvolver a Plataforma de Apoio à Aprendizagem.

A iniciativa, que conta com a contribuição da Fundação Lemann, tem o objetivo de ajudar essas redes na preparação da retomada das atividades presenciais após o período de isolamento social.

Para um desafio dessa proporção, foi criado um percurso amplo, diversificado

e flexível. Dentro da Plataforma, gestores e educadores encontram ferramentas relativas ao combate à Covid-19, fortalecimento socioemocional, priorização do currículo, atividades para verificar o desempenho dos estudantes e orientações pedagógicas, além de um guia para elaboração de instrumentos de avaliação.

Cada rede tem um cronograma e um planejamento específicos de retorno às salas de aula. Por isso, este espaço foi pensado de forma que seja capaz de se adequar às diferentes necessidades e aos mais variados contextos. As redes, as escolas e os seus profissionais têm toda a liberdade para se apropriarem e fazerem uso das ferramentas disponíveis, no momento e da forma que considerarem mais adequados.

A Plataforma de Apoio à Aprendizagem é inteiramente gratuita! Para conhecer mais a iniciativa, faça o cadastro e poderá utilizar todos os recursos, acesse: <https://bit.ly/apoioaprendizagem>.

Acesse: <https://bit.ly/apoioaprendizagem>
<https://fundacaolemann.org.br>



Como o Brasil geralmente importa modelos pedagógicos, quando pensamos em educação em tempo integral ou em educação popular pensamos em escolas europeias.

Devido ao nosso relativo desconhecimento da história da educação escolar no Brasil, raramente alguém menciona a Escola Parque de Salvador da Bahia, que neste ano completará 70 anos.

Por que essa Escola Parque mere-

cia afrodescendente e atuou profissionalmente como médico, linguista e professor.

Sobre a estrutura do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, a historiadora Clarice Nunes afirma que "o projeto de construção do Centro comportava quatro escolas-classe de nível primário para mil alunos cada, com funcionamento em dois turnos; uma escola parque, com sete pavilhões destinados às práticas educativas, onde os alunos completavam sua

A ESCOLA PARQUE DA BAHIA, 70



ce ser lembrada neste ano do seu septuagésimo aniversário?

Durante a gestão do governador Otávio Mangabeira (1947-1951), o secretário da Educação e Saúde do estado da Bahia era o educador Anísio Teixeira, que concebeu a implantação de nove centros de educação popular, mas somente um foi concretizado.

Trata-se do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, inaugurado em 21 de setembro de 1950 em uma área socialmente vulnerável da cidade de Salvador.

O patrono desse centro educacional, Ernesto Carneiro Ribeiro (1839-1920),

educação no turno alternado ao da classe.

Aos alunos do centro era oferecido um dia completo de permanência em ambiente educativo*.

Nos quatro grandes edifícios em que era ministrada a escolarização regular eram frequentados por 500 alunos pela manhã e o mesmo número pela tarde.

No contraturno, os alunos eram enviados para a Escola Parque onde realizavam atividades educativas como trabalhos manuais, artes industriais, educação artística, educação física e práticas socializantes, entre outras.

Norberto Dallabrida * Professor da UDESC e coautor de "A Escola da República: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918) (Editora Mercado de Letras, 2011). E-mail: norbertodallabrida@gmail.com

OPINIÃO DO LEITOR

Por Sueli Bravi Conte*

Atividades pedagógicas à distância são realmente importantes para a turma do Ensino Infantil em período de isolamento social?

Há mais de 35 anos como especialista em educação, nunca havia enfrentado um momento tão difícil quanto o que vivemos agora. A dificuldade não se resume apenas ao fato de que toda a população precisa ficar em casa ou por que as aulas, agora, acontecerem por meio de plataformas digitais.

O desafio como educadora é ver em nossa sociedade a quantidade de manifestações a respeito da pouca importância de manter crianças de até cinco ou seis anos de idade na escola e insinuações de que aulas à distância não são efetivas. Diante desse cenário, gostaria de fazer uma reflexão!

Para começar, acho importante falarmos sobre o significado da palavra "educar". No sentido mais básico, educar é dar a alguém todos os cuidados necessários para o pleno desenvolvimento da sua personalidade. De acordo com o mais célebre educador do nosso país, Paulo Freire, o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno, fazer com que eles possam desenvolver o poder de criticidade.

Se analisarmos apenas esses dois conceitos, podemos facilmente concluir que o processo de educação tem início desde o nascimento da criança – ou até antes – mas vamos avaliar apenas o período pós-nascimento. Ainda em seu primeiro dia de vida, a mãe e os profissionais de saúde ensinam ao bebê a forma correta de se alimentar. A criança precisa aprender e se adaptar à forma correta de fazer a "pega". Não muito tempo depois, é preciso ensinar a eles os sabores dos alimentos.

Na sequência, chega a hora de ensiná-los

a andar, pronunciar as primeiras palavras, reconhecer as cores, etc. Em um determinado momento, as famílias recorrem às creches e escolas a fim de dar sequência no processo de aprendizagem.

Durante a Educação Infantil, também conhecida como Ensino Infantil, temos a primeira etapa da educação básica. Crianças de zero até os cinco anos de idade são atendidas e têm seus primeiros contatos com a escola. O objetivo principal dos educadores, nesse período, é promover nos pequenos o desenvolvimento dos aspectos físicos, motores, cognitivos, sociais e emocionais. Também se fomenta neles a exploração dos ambientes, das descobertas e da experimentação. Claro, além de tudo isso, as crianças também são estimuladas a interagir com pessoas de fora do convívio familiar, começam a entender a dinâmica dos jogos e atividades lúdicas.

Isso tudo significa que na Educação Infantil permitimos e incentivamos o brincar! É por meio das brincadeiras, das músicas, das pinturas, da dança e de tantas outras atividades, que as crianças são introduzidas ao desenvolvimento global. É por meio dessas ações, consideradas lúdicas, por mais simples que possam parecer, que as crianças começam a tomar consciência de si e do mundo, passam a pensar em suas ações e compreender de que forma devem agir para conseguir algo que desejam.

Obviamente a criança precisa estar em um ambiente favorável para que se envolva de maneira espontânea com o que lhe é proposto. Em um momento como o que vivemos, em que os governos determinam que as escolas estejam fechadas, totalmente atípico para os adultos, inclusive, é justo e

importante para esses pequenos cidadãos que se busquem formas alternativas de seguir estimulando seu desenvolvimento e aperfeiçoando suas habilidades. Se pararmos por alguns minutos e observarmos alguns instantes das suas rotinas em casa, perceberemos que a tecnologia e as plataformas digitais são itens com os quais eles estão totalmente familiarizados.

As crianças de até cinco ou seis anos de idade já nasceram na Era da Informação. Estão incrivelmente acostumadas a ter em suas mãos e efetivamente manusear gadgets como celulares e tablets. Eles brincam de trabalhar em notebooks, como veem seus pais, tios e avós fazendo. Ou seja, não é um absurdo para eles encarar o amiguinho e as professoras por meio de uma tela e interagir por ali, mostrando seus desenhos, cantando juntos, fazendo danças e manifestando suas ideias.

Para eles, é uma experiência marcante receber uma atividade proposta pela professora por meio de um vídeo na tela do computador e executar com alguém da família. É notável, mesmo com pouco tempo de ensino à distância para crianças tão pequenas, que é possível que eles se desenvolvam e que a educação aconteça quando a escola e a família estão, efetivamente, de mãos dadas, caminhando juntas e atuando em parceria. Observe você também!

*Sueli Bravi Conte é especialista em educação, mestre em neurociências, psicopedagoga, diretora e mantenedora do Colégio Renovação, instituição com mais de 35 anos de atividades do Ensino Infantil ao Médio, com unidades nas cidades de São Paulo e Indaiatuba.

EXPEDIENTE

JE

Ano XXXIV - Nº 330
Setembro de 2020

Rua Padre Kolb, 99 Bl 12/104
89202-350 Joinville - SC
Fone: (47) 3433 6120 e 984150630

Endereço Eletrônico:
www.jornaldaeducacao.inf.br
jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br

Jornalista Responsável:
Maria Goreti Gomes DRT/SC
ISSN 2237-2164 (Impresso)
Reg. Especial de Título nº 0177593
Impressão: Grafimorte
Tiragem desta edição: 2000

Distribuição dirigida a assinantes, anunciantes e estabelecimentos de ensino dos municípios das regiões educacionais de Joinville e São Bento do Sul.

Os artigos e colunas assinados são de responsabilidade de seus autores

Circula no whatsapp

OS HORMÔNIOS DA FELICIDADE

<p>Dopamina</p> <ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Fazer exercício diariamente <input checked="" type="checkbox"/> Dormir em média 8 horas <input checked="" type="checkbox"/> Celebrar pequenas conquistas 	<p>Endorfina</p> <ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Rir com os amigos <input checked="" type="checkbox"/> Praticar hobbies <input checked="" type="checkbox"/> Cantar, dançar
<p>Oxitocina</p> <ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Meditar <input checked="" type="checkbox"/> Demonstrar afeto <input checked="" type="checkbox"/> Realizar boas ações 	<p>Serotonina</p> <ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Agradecer <input checked="" type="checkbox"/> Estar em contato com a natureza <input checked="" type="checkbox"/> Ter memórias especiais

@saudecommari



A Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) entrou em vigência no dia 18 de setembro de 2020 dispondo sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive por meios digitais, por pessoas físicas ou jurídicas. Visando a proteção dos direitos fundamentais de liberdade e de privacidade, o desenvolvimento econômico e tecnológico, o favorecimento da concorrência, bem como visando uma maior segurança jurídica do titular no tratamento dos dados.

Consideram-se dados pessoais todos aqueles que podem identificar uma pessoa, como por exemplo, qualificação pessoal, números, características pessoais, dados genéticos, entre outros.

A LGPD se aplica à todas as empresas, públicas ou privadas, sendo assim, aplicável também às instituições de ensino, as quais

de de coletar dados sensíveis de seus alunos, os quais requerem o consentimento expresso de seu titular ou do seu responsável legal.

Consideram-se dados sensíveis todos aqueles que dizem respeito à questões sexuais, raciais, étnicas, religiosas, políticas, filosóficas, dados referentes à saúde, genéticos ou biométricos.

Alguns desses dados são de extrema importância para às escolas, principalmente os relacionados à saúde de seus alunos. Entretanto, para a coleta desses dados é necessário que no consentimento dos responsáveis pelos dados, conste claramente a finalidade desses dados, justificando a necessidade de possuir estas informações.

Ressalta-se que os dados devem ser coletados apenas quando realmente forem necessários, não



são detentoras de diversos dados pessoais de seus alunos, pais, educadores e demais funcionários.

podendo os dados serem utilizados para fins discriminatórios ou simplesmente coletados sem uma finalidade.

Portanto, para que as instituições de ensino se adequem às previsões constantes na LGPD, é de extrema importância a revisão de seus contratos, matrículas de alunos e ex-alunos, históricos de transferências, entre outros. Reveja também os procedimentos de coleta, tratamento, armazenamento e exclusão dos dados, a fim de evitar o recebimento de advertências e multas, que podem chegar até 02% (dois por cento) do seu faturamento, limitada à R\$ 50.000.000,00 (cinquenta milhões de reais) por infração cometida.

Assim, é necessário que as instituições de ensino elaborem um plano de armazenamento de dados, prevendo a forma que irá ocorrer o armazenamento, tratamento e exclusão desses dados da sua base.

Além disso, as instituições de ensino necessitam estar ainda mais atentas diante da necessidade

Yolanda Robert — Advogada especialista em direito do trabalho (OAB/SC 20.852), diretora jurídica da Associação Brasileira de Recurso Humanos - filial de Joinville e administradora do escritório Robert Advocacia e Consultoria.

“Dormimos analógicos e acordamos digitais”

Negociações pontuais com pais e funcionários

O serviço social do Colégio atendeu a cerca de 20% das famílias com vistas a negociar algum tipo de auxílio financeiro para possibilitar acompanhar as aulas *on line* a partir de casa, especialmente para os bolsistas.

“Nosso maior compromisso é com a folha de pagamentos. Mantivemos o quadro de professores e fizemos somente suspensão de contrato com alguns auxiliares. Os professores do integral e alguns auxiliares estão trabalhando no reforço escolar. Outros, foram transferidos para outras áreas, como o de TI”, explica.

Entre as ações tomadas logo no início da quarentena, o fechamento do Turno Integral e a transferência de alguns professores e auxiliares para reforçar a equipe de TI.

A medida evitou demissões e redução de carga horária e, ao mesmo tempo, possibilitou auxiliar professores, estudantes e familiares nas dificuldades com a tecnologia. O CSA teve somente 4,25% de pedidos de transferência ou desistência de alunos. Dos 68 que saíram, 50 eram das turmas de 1 a 3 anos da Educação Infantil.

Por sua vez, as negociações financeiras com pais que perderam

emprego ou renda foram pontuais.

As matrículas sofreram redução de somente 4,25%. Eram 1663 alunos em março e 1595 em setembro, mas muitas famílias estão procurando a escola para retornar.

“Já temos fila aguardando abrir a matrícula para o próximo ano, que este ano será totalmente *on line*”, acrescenta. Sorridente e, ao mesmo tempo preocupada, a diretora, acrescenta que a instituição não dispõe de espaço físico para ampliar o número de vagas, especialmente diante da possibilidade do ensino ser híbrido por muito tempo.



Adelina Dalmônico - Gestora CSA

No Colégio Santos Anjos, de Joinville, como na maioria das escolas privadas, a tecnologia necessária para as aulas remotas e *on line* já estava disponível, mas era pouco utilizada. Mesmo assim, a transição foi quase traumática, apesar de professores, alunos e pais contarem com o auxílio de profissionais de TI para aprender a usar as ferramentas ou adequar-se ao ensino *on line* (ou remoto).

“Dormimos analógicos e acordamos digitais” sentenciou Adelina Dalmônico, diretora do Colégio Santos Anjos, de Joinville, em entrevista exclusiva ao Jornal da Educação, no final de setembro. Esta foi também a primeira entrevista presencial desde a decretação da quarentena como meio de enfrentamento da pandemia de COVID-19. no estado de Santa Catarina.

Para falar da experiência, entrevistada e jornalista permanecemos com máscaras todo o tempo. Afinal, nunca sabemos se estamos ou não com o vírus ativo, se estamos contaminando ou sendo contaminados pela outra pessoa, então o melhor é prevenir.

Reinventar-se foi a ação mais praticada por professores, gestores, funcionários, pais e estudan-

tes nestes seis meses de ensino remoto.

A expectativa de retorno das aulas presenciais, mesmo que para grupos específicos, a saudade do espaço escolar, da convivência calorosa com os colegas e professores e até mesmo de ficar quieto ouvindo uma explicação ao vivo do professor, está presente não somente nos alunos.

Praticamente um mês antes do planejado para o retorno dos alunos (20/10), as escolas de Joinville, já estavam estruturadas para receber alunos e viabilizar o ensino híbrido.

Marcação no piso para indicar os limites para alunos e professores. Carteiras isoladas e afastadas umas das outras, car-

tazes de orientação para o uso obrigatório de máscaras, álcool gel, bebedouros interditados, tapetes, medidores de temperatura e muito cuidado consigo e com o outro agora fazem parte da estrutura escolar.

A gestora do Colégio fundado em 1907 relatou que o processo de transição das aulas presenciais para o ensino totalmente mediado pela tecnologia, o novo jeito de ensinar x aprender, foi seguramente a mudança mais repentina e drástica experimentada por professores e alunos nos 113 anos de funcionamento da instituição. E, às vésperas do retorno do ensino presencial relata problemas de indisciplina de alguns alunos nas aulas *on line*.

União para superar a insegurança

No começo houve muita insegurança, tanto para os professores, quanto para os alunos, pais e mesmo para os três funcionários do TI. Desde março, os alunos do Ensino Fundamental e Médio têm as seis aulas diárias ministradas *on line*. Professores e alunos formam turmas virtuais a partir de suas casas e recebem suporte técnico, em tempo real, da equipe de TI, que foi ampliada para nove profissionais.

“Todos tiveram que aprender a toque de caixa”, lembrou Adelina. Fizemos em uma semana, o que levaríamos meses, ou até anos, para implementar em outra situação. Foi uma mudança muito drástica e rápida. Todos aprendemos muito uns com os outros”, relatou Adelina.

“Tivemos uma semana para adequar os equipamentos e a

internet do Colégio, treinar os professores e funcionários, orientar os pais e alunos e implementar o ensino remoto. Os professores foram aprendendo a usar a tecnologia na medida da necessidade de adequar a metodologia e atividades planejadas para o ensino presencial, para o *via internet*.

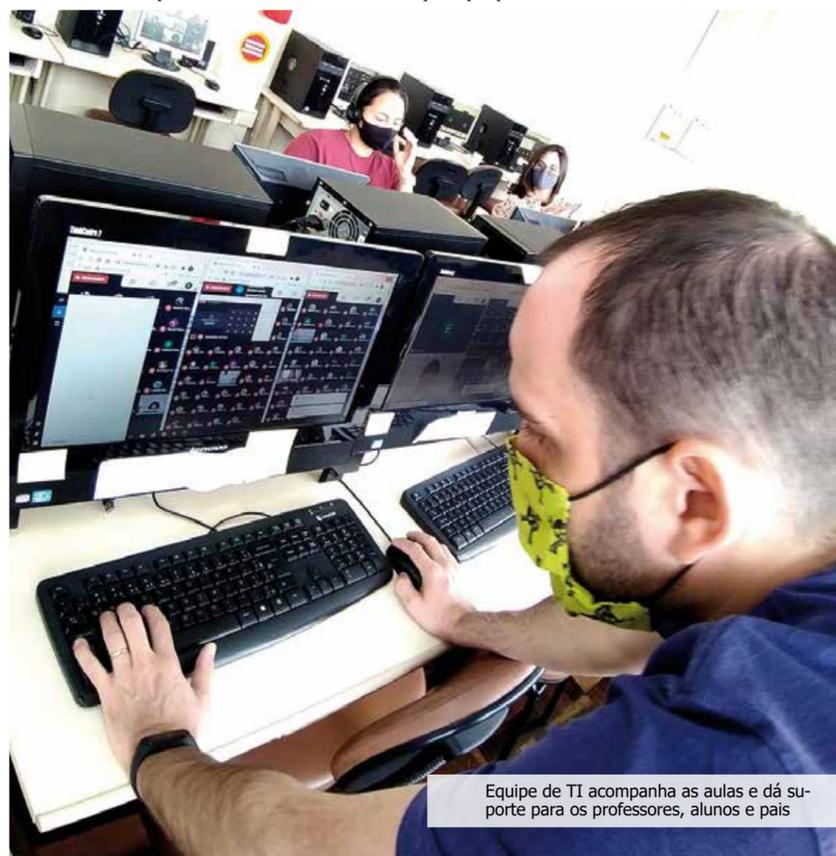
Assessorar os professores e manter contato direto com as famílias são atividades contínuas desde o dia 17 de março, quando foi decretada a quarentena em Santa Catarina.

“Só temos a agradecer a equipe de professores que, muito comprometidos, pegou junto com os coordenadores e os funcionários. Todos trabalharam conjuntamente e o resultado foi maravilhoso. Por isso conseguimos manter a qualidade do ensino. Nenhum professor foi afastado e estamos

com fila para matrículas para o próximo ano”, registra.

Toda a escola num trabalho conjunto entre professores, coordenadores, funcionários e a mantenedora da rede Divina Providência, adequou os equipamentos e o ambiente, treinou professores e envolveu os pais e estudantes no novo modo de ensinar e aprender, mantendo a qualidade tanto dos conteúdos ensinados como da interação/vínculo professores x alunos x escola x família.

Após a confirmação de que a quarentena seria estendida por tempo indeterminado, a primeira providência foi fechar o turno integral e atender as famílias das crianças de até três anos da Educação Infantil, que precisaram reorganizar a vida familiar para atender os pequenos em casa.



Equipe de TI acompanha as aulas e dá suporte para os professores, alunos e pais

Maior proximidade entre família e escola

“Aprendemos muito com estes tempos de pandemia. Nunca o Colégio esteve tão próximo da família e a família tão presente na vida escolar dos filhos”, reconhece Adelina.

“Apesar de termos a tradição de proximidade com as famílias, nunca nos apoiámos tanto uns nos outros para garantir a aprendizagem. A valorização da educação, do professor, da escola e do espaço escolar são um grande legado dessa pandemia”, ressalta Adelina.

“Aprendemos a dar mais valor a muitas coisas que vinham sendo negligenciadas como a família, a dedicação ao outro, a saúde, a presença física. Hoje, estar vivo encanta.. Enfim os valores que sempre tivemos, mas que estávamos deixando meio de lado”, enfatiza.

“Os alunos, por exemplo, passaram a valorizar muito a vivência. Eles estão com muita saudade de nós, dos professores e da interação com os colegas e nós com sauda-

des deles. Claro que não é a mesma coisa que o presencial, mas tivemos muitos ganhos”, acrescenta.

“Todos aprenderam muito. Tudo é lição de vida. E agora que descobrimos que a tecnologia está dentro do processo de aprendizagem, não há mais retorno.” Para ela, a partir de 2020, o ensino passa a ser híbrido sempre. A tecnologia será incorporada ao processo e, “sabemos também, que nunca substituirá o professor, que é imprescindível para o ensino”,



Coordenação: Professor Dr Leandro Villela de Azevedo

Em setembro de 2020 fez exatamente 75 anos que a 2ª Guerra Mundial foi encerrada com a rendição incondicional do Japão (último país do Eixo, aliados do Hitler, a cair).

O Japão, 75 anos depois, às vezes também chamado de Japão da paz, é um país moderno, arrojado e famoso, especialmente por coisas consideradas “fofas”, culturais, tecnológicas. E, de forma alguma, parece fazer qualquer referência ao nazismo. Tampouco vive a dor da retomada do neonazismo como ocorre em países da Europa e mesmo da América.

A sociedade japonesa atual deixa muita gente sem entender as razões da evolução daquele país. Afinal, porque motivo o Japão entrou na 2ª Guerra Mundial do lado de Hitler? Seriam os japoneses nazistas naquela época?

Apesar de uma guerra ser algo complexo e que sempre tem mais fatores para serem anali-

a ideia de um revanchismo após a derrota da 1ª Guerra Mundial. Por esta razão, Japão foi aliado do lado vitorioso na 1ª Guerra, mas então, por que motivo “trocaram” de lado?

O Japão, lá do outro lado do mundo, tinha também seus inimigos e rivais. A disputa de poder era acirrada na região. Nas décadas anteriores à 2ª Guerra, o Japão havia passado por três grandes guerras por disputas coloniais, uma com a Rússia, em 1905 e outras duas com a China em 1895 e 1937.

O Cenário da 2ª Guerra colocou China e Rússia (agora União Soviética) como aliados da França e Inglaterra e como inimigos do Eixo - Itália e Alemanha. Ou seja, aqueles que podem te ajudar contra seus inimigos tendem a ser aliados.

Além disso França, Inglaterra e Estados Unidos, durante os 130 anos anteriores a 2ª Guerra tinham praticamente conquistado

Por que o Japão entrou ao lado de Hitler na 2ª Guerra Mundial

sados, do que podemos trazer em um simples texto de alguns parágrafos. O fato é que o Japão era bem diferente de seus aliados Itália e Alemanha.

Os três tinham governantes fortes e autoritários, centrados na figura de culto ao líder, mas no caso de Hitler e Mussolini eram líderes carismáticos que tinham chegado ao poder por conta do fascismo, enquanto Hirohito no Japão tinha um modelo de governo imperial há gerações. Governo que teve à frente grandes nomes como Meiji. Cujo nome remonta a uma era da história do Japão, assim como a era Vitoriana na Inglaterra.

Enquanto o modelo nazifascista perseguia inimigos políticos como comunistas, anarquistas ou judeus e precisava de muita propaganda e gerar um medo de uma ameaça externa para se manterem no poder. O poder de Hirohito era visto como quase que natural para a maior parte da sua população, sendo até cultuado e deificado por muitos.

Igualmente os argumentos de pureza racialariana não tinham lá muita chance de adentrar o Japão Imperial, e nem tampouco

quase todos os países da África e Ásia através do Neocolonialismo / Imperialismo.

Por mais que o Japão tivesse na maior parte das vezes conseguido se manter imune (mas com diversas tentativas de intervenções internacionais em especial dos EUA). Ele sabia que era questão de tempo, caso aquela política se mantivesse, para que as potências do Ocidente, voltassem suas garras sobre eles.

Mas a Itália e Alemanha não fariam o mesmo? Provavelmente não, pois estariam muito ocupados reorganizando as colônias que teriam capturado da Inglaterra e França com a vitória na guerra (caso vencessem).

Esses pontos, muito mais do que uma proximidade ideológica com o nazi fascismo, certamente pesaram na balança de Hirohito quando decidiu entrar no Eixo ao lado dos nazistas.

Professor Leandro Villela é mestre e doutor em História Social pela USP e professor da rede particular de ensino em São Paulo. É autor de coleções didáticas e paradidáticos.

O IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) de 2019 saiu neste mês de setembro. O índice, mais uma vez, mostra a ineficiência do governo federal em coordenar uma frente nacional, com parâmetros de qualidade definidos acima das metas do IDEB, para que estados e municípios possam estruturar formas eficazes de ensino e de aprendizagem e avançar a qualidade da Educação em nosso país.

Sem um padrão melhor de escolarização, não há riqueza que faça o país crescer de forma justa. Não se retira milhões de pessoas da pobreza sem qualidade de ensino. Principalmente porque a imensa maioria dos quase 6 mil municípios brasileiros não tem a mínima ideia do que seja Educação com qualidade.

Há secretários de educação que mal sabem escrever ou pensar de forma mais profunda.

os alunos. E estes responsáveis que devem investigar causas de baixo rendimento são os mesmos profissionais que devem ser cobrados por toda a comunidade escolar, a começar pelos pais e pela população.

Isso porque para se diagnosticar as causas de baixo rendimento em provas de avaliação geral de aprendizagem, o diagnóstico inicia da macro para a micro estrutura: a mantenedora tem dado a devida estrutura à escola?

Ou seja: a escola tem boa estrutura física, de paredes a bebedouros, de quadros sem reflexo a salas ventiladas ou climatizadas? A iluminação, a acústica, o espaço são adequados? Há quadras, espaço para professores, laboratórios, biblioteca, sala de informática, auditório, acesso à internet e materiais didáticos à disposição? Há limpeza rigorosa de banheiros (ligado a fatores como autoestima e modelos de

através da escola), planejamento familiar e orientação sobre sexualidade sadia e segura, livre de preconceitos? Se meia pergunta dessas acima tiver um mísero não, a escola está falhando e está atrasada na formação do futuro. O que questionei acima é o que deve existir de base mínima em cada escola para a boa aprendizagem, se o país quiser ter um futuro básico, nada muito além do trivial.

Além, claro, da estrutura completa de inclusão de alunos com transtornos de aprendizagem ou do desenvolvimento e os devidos acompanhamentos. É o mínimo. Sem contar que as aulas precisam de contextos práticos e reais, para dar sentido e atrair o interesse.

O Joãozinho do título não nasceu ainda. Ele será filho do Pedro e da Maria, alunos de uma periferia de sua cidade. Nascerá daqui a 12 anos, num

conduta), merenda saudável, segurança nas portas das escolas? Qualquer uma dessas perguntas, respondidas com um NÃO, em algum desses itens citados, já é fator que interfere na aprendizagem e aponta que a macro estrutura que mantém a escola está falhando.

Mas vamos a outros pontos que compõem a qualidade do ensino e o que o IDEB mede, indiretamente: os professores são capacitados com cursos que realmente fazem a diferença? Ou aparecem uma vez ao ano essas formações online de fundações de empresas (Itaú, Vivo, Senna), ou nem isso? Os professores são reunidos por disciplinas ou áreas e possuem, semanalmente, supervisão de ensino com especialistas? A escola conta com psicólogos escolares e assistentes sociais? É feito o mapeamento das condições sociais e econômicas de cada família? E com estes dados, são tomadas as devidas providências? A escola possui projetos interdisciplinares que envolvem várias áreas e contato com a realidade local e regional? As aulas e atividades possuem ao menos metade do tempo com atividades online ou em laboratórios? Há projetos com palestras de profissionais para falar de empregabilidade e profissões (para os alunos terem referências e sonharem com um futuro

Mas só se a estrutura da escola melhorar (e refletir na elevação da nota do IDEB), pois o desempenho dos alunos e o interesse em caprichar nas provas tiver algum sentido. Somente se a escola for completa e o estudo representar preparo para que o jovem possa pensar de forma autônoma.

Pedro e Maria, hoje dois adolescentes, precisam que você leitor, cobre seus candidatos e nossos governantes para que a estrutura que forma um bom desempenho nas avaliações do governo e do dia-a-dia escolar seja item obrigatório em cada sala de aula. Sua cobrança aos políticos decidirá como Pedro e Maria criarão o Joãozinho.

Os primeiros alunos a retornar, serão os dos últimos anos do Ensino Médio e do Fundamental. Os com dificuldades para acompanhar as aulas remotas e os que necessitam de reforço de cada

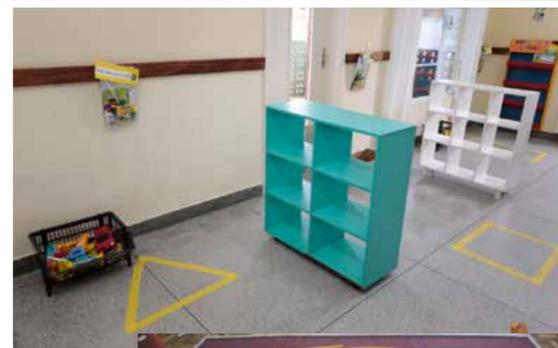
* Gilmar de Oliveira, psicólogo clínico e professor universitário; especialista em Neuropsicologia e Aprendizagem; Mestre em Educação e Cultura. E-mail: psicogilmar@gmail.com @psicogilmar facebook.com/psicogilmar

Escolas preparam o retorno dos alunos

Em meados de setembro, o CSA já estava com a estrutura física e humana pronta para o ensino híbrido, que pretendia iniciar no dia 20 de outubro.

A instituição ainda dependia da aprovação do Plano de Contingenciamento pelo Comitê Municipal.

E, assim como todas as demais escolas privadas e públicas da região de Joinville, da classificação de risco Covid 19, permanecer em no máximo nível alto por quinze dias, para retornar às aulas presenciais seguindo regras rigorosas.



Os primeiros alunos a retornar, serão os dos últimos anos do Ensino Médio e do Fundamental. Os com dificuldades para acompanhar as aulas remotas e os que necessitam de reforço de cada

fase também terão prioridade. Em todos os estabelecimentos, os pais poderão optar por enviar ou não os filhos para as aulas presenciais.

Ensino Remoto Diálogo e interação são preocupações dos professores

Estudo investigou necessidades pedagógicas e psicossociais de docentes do Ensino Médio e do Ensino Superior ao longo dos últimos meses

A utilização da tecnologia nas práticas pedagógicas durante o período de isolamento social na pandemia de Covid-19 traz uma série de consequências para pais, alunos e professores.

Uma pesquisa realizada na Universidade Federal do Paraná (UFPR), com a parceria de pesquisadores de instituições de São Paulo, identificou algumas das necessidades pedagógicas e psicossociais de docentes do Ensino Médio e do Ensino Superior ao longo dos últimos meses.

Questionamentos sobre como dialogar com os estudantes por meio de uma linguagem clara e assertiva e sobre como manter o engajamento e a motivação das turmas foram elencados como preocupações em um questionário respondido por 120 entrevistados, de todas as regiões do país.

O estudo, intitulado Convivência ética em tempos de COVID-19, também identificou alterações no tempo e na rotina, nos cuidados de si e do outro e na interação.

De acordo com a professora Loriane Trombini Frick, do Setor



dizagem dos alunos, mesmo com todos esforços, a contaminação pelo vírus e o medo de perder o emprego. Além disso, reforçaram o quanto essa situação tem impactado na sua saúde mental e na dos estudantes.

Curso e materiais didáticos

A pesquisa – respondida majoritariamente por docentes do ensino público (94,8%) – vai ter um desdobramento prático, já em fase de execução: a equipe produzirá materiais formativos de ampla circulação e abertos à comunidade docente. “Com recursos de edital formamos uma equipe de 13 bolsistas de áreas interdisciplinares, que já estão trabalhando”, explica Loriane. A ideia é que produzam vídeos curtos, com conteúdo consistente e de fácil divulgação.

Um curso com carga horária maior também está nos planos da equipe, que pretende utilizar, além das respostas coletadas nesta pesquisa, dados sobre um estudo coletado do Clima Universitário, que acoleta dados sobre convivência, saúde mental e violência realizado



de Educação da UFPR, a pesquisa buscou mapear as principais necessidades pedagógicas e psicossociais entre os professores para entender como oferecer alternativas.

“A tecnologia esteve presente em todos os relatos e um grande desafio foi a questão do acesso e de como criar um novo espaço pedagógico”, explica ela, que tem como parceiros as professoras Ana Carina Stelko Pereira (UFPR) e Juliana Zechi (IFSP) e o professor Pedro Afonso Cortez (UMESP).

O projeto é uma das ações do Observatório do Clima Institucional e Prevenção da Violência em Contextos Educacionais da UFPR.

Entre os entrevistados, 45% nunca haviam ministrado aulas à distância, nem mesmo no formato híbrido. A pesquisadora explica que as respos-

tas traziam, em seus contextos, uma grande questão: a insegurança com a tecnologia e com a melhor forma de se utilizar esse recurso.

Mesmo com boa parte dos docentes afirmando que as instituições ofereceram treinamento, uma das dúvidas recorrentes era sobre como gerar interação.

“A maioria dos professores está fazendo alguma coisa para aprender, investindo em câmeras, microfones, tudo para utilizar melhor os recursos”, pontua a professora, sem deixar de comentar também aquilo que pode ser um problema na formação: “faz-se urgente inserir na formação de professores o uso dos recursos tecnológicos de uma forma geral”.

Os participantes do estudo também relataram seus principais medos, entre eles a defasagem na apren-

com a comunidade da UFPR no ano passado. Os caminhos se cruzam na preocupação em entender melhor as relações interpessoais nas práticas pedagógicas.

Para Loriane, um dos legados dos novos tempos é justamente poder pensar na necessidade de se reconstruir a educação. Segundo ela, essa conscientização de que é preciso mudar não significa o apoio à substituição dos modelos presenciais por uma educação a distância, pois o que existe é um contexto novo.

“É importante que a educação se reconstrua e que os professores saibam usar estes recursos”, diz.

Mais informações em xara@ufpr.br ou @observatorio.xara no Instagram.



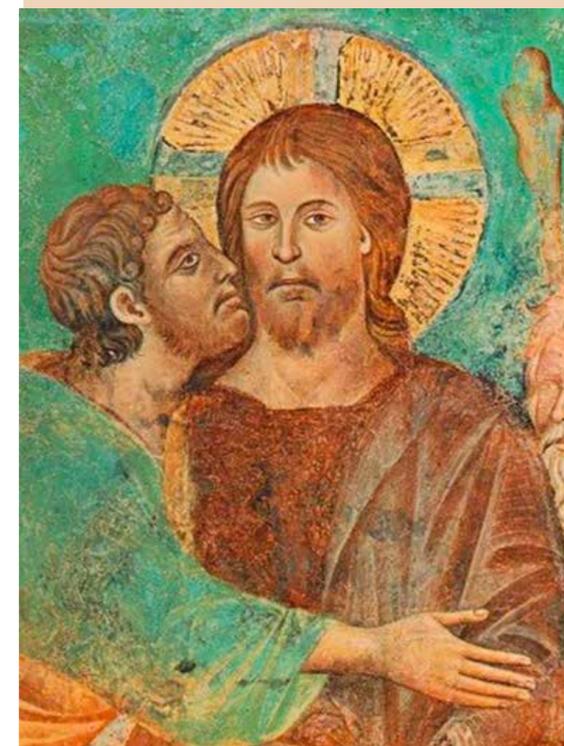
O último livro escrito por Amós Oz, escritor israelense falecido em 2018, tem como título “Judas”, o Iscariotes dos evangelhos. O personagem principal é Shmuel, que apresenta ao amigo Wald a tese de que Judas não traiu Jesus, e expõe a lista de fatos que o fazem acreditar em sua teoria. Vou resumir-la:

Judas acreditava que, entregando Jesus aos sumos sacerdotes, ele seria julgado e sentenciado à morte, como acabou acontecendo. Porém, Judas também acreditava na intervenção do pai celeste, que no último instante livraria seu filho único da morte na cruz, lançando do céu raios de fogo, a fim de que

porque traiu Jesus (traidores não se suicidam, seguem suas vidas), mas porque ficou atrozizado ao ver o mestre rejeitar o socorro do céu e aceitar a morte passivamente.

Ora, Judas tinha visto os milagres do messias, provavelmente esteve presente na ressurreição de Lázaro, na multiplicação dos pães e peixes, viu a água se transformar em vinho, Jesus andar sobre as águas, dar ordens para que as tempestades e os trovões cessassem.... Teria Judas cogitado trair o filho de Deus sem temer um severo castigo? Dentre tantas teorias sobre o destino de Judas logo após o messias ser levado ao sumo

O JUDAS DE AMÓS OZ



todos crescem nele, mesmo os pagãos.

Entretanto, o milagre que ele esperava não aconteceu, seu mestre agonizou terrivelmente na cruz até, esgotado, pronunciar a famosa frase: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.”

Então, segundo Shmuel, Judas se retira e vai enforcar-se, não

sacerdote Caifás, a versão de Shmuel tem ganhado cada vez mais adeptos.

Mas o que se espalhou entre nós foi a versão oficial – Judas traiu Jesus e os judeus foram culpados pela sua morte na cruz – o que trouxe grandes problemas aos judeus depois que o cristianismo firmou-se como a religião dominante no Ocidente.

Fernando Bastos é escritor, ilustrador e artista plástico. Publicou dois livros: “Teofania” e “Crimes em nome de Deus”. E-mail: fernandoilustrador@gmail.com e Facebook: https://www.facebook.com/fernandocesar.bastos

PROFESSOR, conte para o JE como está sendo sua experiência de trabalho

Mande seu depoimento ou sugestão de pauta para:

E-mail: jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br
ou (47) 984150630 whatsapp

www.jornaldaeducacao.inf.br

facebook.com/Jornal da Educação



Aguardamos seu artigo para a próxima edição do JECC

Pesquisador, estudantes e professores já podem enviar seus artigos científicos e de opinião, relato de experiência e resenha para análise pela comissão científica, coordenada por Norberto Dallabrida para a 3ª edição da revista científica catarinense da educação - O **Jornal da Educação Caderno Científico - JECC** (JE ISSN 2596-223X).

A Comissão científica emite parecer, orientando os selecionados. Acesse nossa página e saiba todas as regras para envio.

Professores de educação básica devem comprovar vínculo para envio

gratuito de artigos e especialmente de relato de experiências.

Os artigos, em DOC e PDF devem ser encaminhados pelo e-mail: contato@jornaldaeducacao.inf.br.

Maiores informações podem ser obtidas pelo whtas (47)984150630.

As duas primeiras edições do JECC, estão disponíveis no endereço: www.jornaldaeducacao.inf.br/edicao-digital-pdf.html, sem restrição de acesso.

Visite nosso site, conheça as normas para publicação e mande seu texto para análise.



NOTA PÚBLICA

Em um momento em que recém completamos um mês de constitucionalização do Fundeb - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e em que toda a sociedade educacional está envolvida com o processo de discussão da lei de regulamentação do Fundeb e do Sistema Nacional de Educação, recebemos a notícia de que o governo federal pretende desviar recursos do Fundo para programa de transferência de renda mínima.

Se isso realmente for aprovado, tudo que conquistamos com a promulgação da Emenda Constitucional nº 108/ 2020, pelo Congresso Nacional, estará em risco. Com a Emenda, finalmente foram criadas condições para avançarmos na oferta de uma educação com qualidade. Com o novo formato de Fundo poderemos aprimorar as condições de oferta da educação infantil, em especial; valorizar os profissionais de educação, com carreira e formação; garantir a implementação de padrões de qualidade por meio do Custo-Aluno Qualidade (CAQ); e cumprir as metas e estratégias dos planos decenais de educação.

Conclamamos todos os deputados federais e senadores que, brilhantemente, defenderam e aprimoraram o Fundeb, para que novamente rejeitem essa proposta, preservando os recursos da educação básica pública e cumprindo a legislação nacional que não permite a utilização desses recursos em ações vinculadas à Assistência Social. Além disso, pensar em diminuir os recursos da educação básica pública nacional é inconcebível, ao considerarmos as demandas que devem ser atendidas e a dívida social existente na educação em todo o país.

Como instituição que congrega os dirigentes responsáveis pela gestão da educação pública nos 5.568 municípios, representando a oferta da educação a mais de 23 milhões de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, reiteramos nossa disposição para o debate político e para defender o direito de todos e todas à educação.

LUIZ MIGUEL MARTINS GARCIA
Dirigente Municipal de Educação de Sud Mennucci/SP
Presidente da Undime